

Rubem Braga

O REPÓRTER QUE O SAARA PERDEU

RABAT, janeiro — Um amigo de passagem pelo Oriente Médio manda-me um cartão postal em que aparece um camelo fêmea (como é isto em português? camela? camôa? Que falta está me fazendo o dicionáriozinho do Aurélio!) em que mama um filhote. A mãe é côr de... camelo, mas o filhote é branco.

Eu não sabia que havia camelos brancos. Até agora não sei se há camelos brancos adultos, porque até agora só tive notícia de dois camelos brancos, ambos ainda em estado de bezerro. Um é êsse do cartão postal. O outro vi no cinema, em um "short" que conta, em lindas imagens coloridas e ingênuos versos, as aventuras de um camelinho branco que fugiu da casa — ou melhor, do oásis paterno. Tudo se passa na Tunísia, e o filme é certamente uma propaganda de turismo da Tunísia, mas propaganda tão linda e tão poética que dá vontade não de ir à Tunísia, mas de rever o filme...

Meu amigo escreve no cartão postal: "Bem, você deve estar cansado de ver camelos..."

No Brasil (o amigo é brasileiro) quando se fala em Marrocos tôda gente logo pensa em deserto e camelos. É verdade, aqui há deserto — mas isso fica lá para o Sul, aonde nunca fui. Mas o Saara — um trecho do Saara — é apenas um complemento do Marrocos. Por sinal que há muita discussão diplomática sôbre êsses complementos arenosos do Marrocos, da Argélia, da Tunísia etc., principalmente depois que começou a aparecer petróleo nesses ermos.

O miolo do Marrocos é esta região em que vivo, uma extensa e fértil pla-

nície entre o Atlântico e as montanhas, terra preta, boa, que vai até junto das ondas, quadriculada de campos de cultura ou de criação, atravessada de rios que correm de leste para oeste, uma das regiões mais amenas e produtivas do mundo. De Tânger até Agadir, de Rabat até Fêz, boas estradas asfaltadas cortam essa planura generosa e bela. O camelo seria dispensável aqui, terra boa para muares e bovinos. E é mesmo raro ver um camelo. Vê-se. Não em caravanas. Um ou outro que se vê é geralmente puxando um arado. E seu par raramente é outro camelo — quase sempre é um boi ou um jumento. Estranha parelha desaparelhada; talvez por isso o camelo erga tanto a cabeça e espiche tanto o beigo com seu ar de desdém por essa labuta monótona e indigna de um "navio do deserto".

Camelo mesmo de montaria, com aquêlo arreio e aquêles enfeites todos, aqui só vi nos arredores de Tânger. São oito ou dez. Servem exclusivamente para que os turistas se façam fotografar montados nêles. Conversei com um dos falsos beduínos que exploram êsse estranho meio de vida. Êle me disse que quando Tânger era pôrto livre e cidade internacional um camelo daqueles rendia bastante. Os turistas eram muitos e os camelos poucos, êle podia cobrar 500 francos por uma pose de um minuto.

Hoje, confessou-me, baixou o preço para um *dirham*. Faço a conta: não é caro. Oitenta cruzeiros mais ou menos por uma "viagem pelo deserto"... Se eu não fôsse hoje um velho funcionário público e ainda fôsse um ágil repórter, até seria capaz de tirar uma foto para ilustrar alguma possível reportagem sob o título: "Ventos de Guerra no Deserto", em ektachrome, especial para MANCHETE...